



## **Os caminhos das mulheres na transição agroecológica: obstáculos e conquistas**

*The paths of women in the agroecological transition: obstacles and achievements.*

LEAL, Larissa Sapiensa G.<sup>1</sup>; PIZZAIA, Luiz Gustavo E.<sup>2</sup>; DUVAL, Henrique C.<sup>3</sup>; GÊMERO, César G.; FERRAZ, José Maria G.; FERRANTE, Vera Lúcia. S. B.  
<sup>1</sup>UNIARA, lari\_sapiensa@hotmail.com; <sup>2</sup>UNIARA, luizgepizzaia@hotmail.com; <sup>3</sup>UFSCAR/UNIARA, Henriquecarmona@hotmail.com; UNICAMP/UNIARA, ze2cordoba@yahoo.es; UNIARA, vbotta@techs.com.br

### **Eixo temático: Mulheres, Feminismos e Agroecologia**

**Resumo:** Nesta proposta de trabalho pretendeu-se analisar qual a importância da mulher agricultora para a construção da agroecologia como estratégia para a agricultura familiar e para o desenvolvimento sustentável. Foram identificados os grupos de Organização de Controle Social – OCS envolvidos com a produção agroecológica na região de Araraquara, e destacados os papéis desempenhados pelas mulheres, evidenciando assim as questões de gênero no trabalho rural. Foram entrevistadas 8 mulheres agricultoras nas OCS's mapeadas. Os principais resultados encontrados na pesquisa indicam a grande dificuldade das mulheres em assumir lideranças nas relações sociais e familiares, a desvalorização social sofrida e o acúmulo de funções vivido por elas, a relação dessas mulheres com a manutenção dos quintais, com a segurança alimentar, com a transmissão da cultura e dos saberes tradicionais, e a relação existente entre a agroecologia e as práticas agrícolas realizadas pelas mulheres nos seus espaços produtivos.

**Palavras-chave:** Gênero; Agroecologia; Divisão sexual do trabalho.

**Abstract:** In this proposal, the aim of this study was to analyze the importance of women farmers in the construction of agroecology as a strategy for family farming and for sustainable development. The Social Control Organization (SCO) groups involved in agroecological production in the region of Araraquara were identified and the roles played by women were highlighted, thus highlighting gender issues in rural work. Eight women farmers were interviewed in the mapped SCOs. The main results found in the research indicate the great difficulty women face in assuming leadership in social and family relationships, the social devaluation suffered and their accumulation of functions, the relationship of these women to the maintenance of backyards, food security, the transmission of culture and traditional knowledge, and the relationship between agroecology and agricultural practices carried out by women in their productive spaces.

**Keywords:** Gender; Agroecology; Sexual division of labor.

### **Introdução**

Segundo Pimbert (2009), as mulheres rurais constituem a maior força de trabalho dos sistemas alimentares e contribuem de maneira significativa para a segurança alimentar e para a economia local. Há estreita relação entre as mulheres e a soberania alimentar, pois são elas as responsáveis pela maior parte do trabalho de



produção e comércio de alimentos, e estão diretamente envolvidas com a alimentação da família.

Na perspectiva da economia feminista, as mulheres têm produzido a partir de suas práticas, colocando o cuidado da vida como um objetivo a ser perseguido. Isso significa ressaltar a importância da valorização do trabalho das mulheres não apenas em termos monetários, mas pelo próprio sentido e contribuição deste para a produção da vida, que envolve a construção de relações, a promoção de saúde e cuidados e sobretudo a possibilidade da construção de um modelo de produção que viabiliza a conservação da biodiversidade. (ALEIXO et. al., 2019)

A agroecologia valoriza a produção da alimentação no nível doméstico, um tema extremamente ligado às mulheres. Os alimentos utilizados para o autoconsumo são uma grande contribuição das mulheres para a renda familiar, por isso a necessidade de computar tudo o que entra na composição dessa renda: não só quanto se ganha com a venda dos produtos e com as atividades realizadas pelos demais integrantes da família, mas, sobretudo, quanto “se deixa de gastar” por produzir as coisas dentro de casa.

Dentre os métodos existentes para a certificação de produção orgânica, a Organização de Controle Social é a que apresenta estreita relação com sistemas agroecológicos por englobar não somente as práticas agrícolas, mas também as relações sociais, econômicas e ambientais.

A OCS, sendo uma forma de organização que exige exclusivamente produtores da agricultura familiar em sua composição, e considerando a inclusão de todos os membros da família, podemos entender que há também uma contribuição para a maior distribuição dos afazeres no núcleo familiar além da mulher, e também da inclusão destas mulheres no planejamento da propriedade.

É possível destacar que aspectos da Agroecologia, como campo de estudo, podem contribuir para o desenho de estratégias de desenvolvimento rural sustentável e reflexões sobre a importância da construção desse desenvolvimento valorizando os papéis das mulheres em sistemas de base agroecológica.

É nessa esfera que se almejou, além de proporcionar a compreensão e reflexão sobre os processos constituintes do funcionamento do agroecossistema, possibilitar o entendimento e a importância da figura das mulheres no campo, como agentes protagonistas da transição orgânica/agroecológica e, sobretudo da transformação social, tendo como território de estudo as Organizações de Controle Social (OCS) existentes nos assentamentos existentes na região de Araraquara.

É importante destacar que o projeto deu continuidade a um ciclo de pesquisas do Núcleo de Pesquisas e Documentação Rural - NUPEDOR da Universidade de Araraquara (UNIARA) sobre as relações de gênero nos assentamentos, investigadas sob outras perspectivas metodológicas.



## **Caminhos da pesquisa**

Como metodologia, optou-se por realizar uma pesquisa qualitativa através de observação e entrevistas, a fim de captar as inter-relações compreendidas entre a Agroecologia e as questões de gênero estabelecidas. Neste sentido foram realizadas visitas às agricultoras pertencentes aos grupos de Organização de Controle Social (OCS) existentes na região de Araraquara. Foram identificados quatro grupos de OCS's a partir de pesquisa no Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos disponibilizado pelo Ministério da Agricultura, pecuária e Abastecimento (MAPA): a OCS Orgânicos Bela Vista e o Grupo Orgânico Familiar Chico Bento, localizadas no Assentamento Bela Vista do Chibarro, Orgânicos Monte Alegre, que abrange produtores do Assentamento Monte Alegre, e Grupo Orgânico do Assentamento Fortaleza, localizada no município de Bocaina.

Para selecionar as mulheres entrevistadas foram adotados alguns critérios. A partir das visitas de campo e do acompanhamento das reuniões das OCS's realizadas durante os trabalhos desta pesquisa foi possível identificar mulheres que se destacavam de maneiras distintas de acordo com a participação nos grupos, desempenhando papéis de liderança, diretamente na produção orgânica ou na comercialização. Assim, foi escolhida uma mulher pertencente a cada OCS estudada. Dentro dos quatro grupos de OCS foram selecionadas duas mulheres que se destacam dentro da produção e duas com características de liderança.

Para a coleta de dados foram utilizadas entrevistas com roteiros semiestruturados, os quais foram aplicados com as mulheres agricultoras envolvidas na pesquisa.

Utilizando a metodologia "Bola de Neve", estas mulheres foram consideradas as "sementes", e indicaram outras personagens para participarem da pesquisa que fossem agricultoras de produtos orgânicos/agroecológicos ou pioneiras dos assentamentos.

Uma vez identificados, esses sujeitos foram contatados para orientações e esclarecimentos quanto à pesquisa e para o preenchimento e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A partir dessa ação os sujeitos foram convidados a participar das entrevistas com questionários semiestruturados. O conteúdo das entrevistas foi transcrito para uma análise mais detalhada do material coletado.

## **Os assentamentos rurais como locais de pesquisa**

Produto de diferentes políticas públicas gestadas ao longo dos últimos 20 anos, a região de Araraquara conta com quatro projetos de assentamentos rurais, sendo dois deles de responsabilidade do Instituto de Terras do Estado - ITESP (Monte



Alegre e Horto Bueno de Andrade) e dois do INCRA (Bela Vista do Chibarro e Fortaleza).

No Estado de São Paulo, a rápida e intensa modernização agropecuária, longe de superar conflitos pela posse da terra, acabaram por promovê-los, criando uma gama diversificada de demandantes por terra, todos excluídos dos benefícios da pujança econômica que marca essa unidade da federação. Assalariados temporários, ex-posseiros, ex-arrendatários, mais os trabalhadores marginalizados das distintas regiões do interior paulista (e dos Estados vizinhos): essa é a origem dos sem-terra que, com crescente visibilidade desde o início dos anos 1980, vêm se mobilizando em busca de terra e de um desenvolvimento alternativo para o campo. (BARONE; FERRANTE, 2013)

A característica mais marcante desses assentamentos é justamente sua inserção territorial numa região de agricultura modernizada, praticamente monopolizada pelas culturas da cana-de-açúcar e de citros.

Diante deste cenário de contradições entre a monocultura e a agricultura familiar destacam-se as novas iniciativas voltadas a métodos de produção mais sustentáveis que estão surgindo nos assentamentos da região de Araraquara como as Organizações de Controle Social (OCS), que visam à produção orgânica de frutas, verduras e legumes nos lotes, englobando não somente as questões produtivas, como também econômicas, sociais e ambientais.

Nessa perspectiva foram desenvolvidas análises sobre a participação das mulheres cadastradas em OCS's de produtores orgânicos e a produção de base agroecológica, considerando a manutenção dos conhecimentos tradicionais sem a utilização de produtos químicos ou agrotóxicos, a produção para autoconsumo e também a inclusão da mulher na geração de renda.

## **Resultados e Discussão**

A partir de análises de textos que abordam as questões de gênero no meio rural e resultados encontrados durante esta pesquisa foram destacados a seguir os pontos mais relevantes para discussão do papel das mulheres na agricultura orgânica e na construção da Agroecologia.

Analisando a participação das mulheres nas OCS's estudadas, verificamos a importância do trabalho das mulheres em todos os grupos, mas também é percebida a dificuldade de serem ouvidas diante de grupos onde a maioria são homens.

As mulheres têm percebido que os espaços das associações e cooperativas, principalmente onde há maior participação das mulheres, contribuem tanto para valorizar o trabalho delas e facilitar a comercialização dos produtos, como também para garantir seus espaços na comunidade.



As mulheres transitam entre os espaços da casa, do quintal ou da feira, ou seja, entre os espaços considerados da produção e da reprodução. Em todas as entrevistas realizadas podemos destacar as multitarefas desempenhadas pelas mulheres, e a falta de um tempo livre na rotina do dia-a-dia.

A agroecologia oferece boas bases para construir a igualdade de gênero, pois permite diferentes usos do espaço e do tempo para realizar de forma combinada atividades produtivas e reprodutivas. Dessa maneira, a princípio, rompe-se a barreira da divisão sexual do trabalho que separa essas atividades e estabelece hierarquias entre elas. Elas buscam de forma permanente equilibrar o trabalho e a produção para autoconsumo e para venda; valorizam a produção dos quintais, mas não querem se restringir a eles.

Tendo em vista a interiorização da divisão sexual do trabalho, mesmo com o desejo das próprias mulheres por novas posições, valorizadas e reconhecidas, permanece presente o discurso da imagem e identidade feminina como fortemente ligado à realização de sacrifícios para garantir a manutenção do bem-estar familiar.

Ainda é preciso avançar muito para que a redistribuição desse trabalho entre homens e mulheres se torne uma realidade, seja com os homens, no interior da família e da comunidade, seja na sociedade por meio de políticas públicas do Estado.

Todas as agricultoras entrevistadas responderam que além de comercializar, também utilizam o que produzem no lote para autoconsumo. A diversidade e a qualidade dos alimentos consumidos por elas proporcionam segurança alimentar à família, garantindo que o abastecimento de produtos necessários seja advindo do próprio lote.

O protagonismo feminino pôde ser observado com as agricultoras entrevistadas no presente estudo. São casos de mulheres que se destacam tanto na produção orgânica, na comercialização, na liderança de grupos, como também nas decisões da família. Interessante ressaltar que todas as mulheres tiveram uma mudança nos papéis desempenhados dentro do ambiente familiar e na sociedade; de donas de casa, tornaram-se presidentes e tesoureiras de associações, responsáveis pela produção dos lotes, feirantes, comerciantes, chefes de família. Foi analisado que essas transformações se deram por diversos fatores, dentre eles, a inserção em programas do governo e compras institucionais que exigiam a participação das mulheres nos projetos; a participação em associações, cooperativas, cursos de capacitação; a inclusão destas mulheres na comercialização em feiras negociando diretamente com os consumidores, o que favorece a sociabilidade destas mulheres e a valorização de seus trabalhos. Outro fator importante responsável por grandes mudanças nos papéis desempenhados por elas é o fato de se tornarem viúvas, e, de um dia para o outro, tornarem-se responsáveis por tudo que antes não tinham acesso como a administração dos lotes, as finanças, a comercialização.



Apesar de todos os obstáculos encontrados pelas mulheres na luta pelo reconhecimento do trabalho e para conquistarem os seus espaços, elas têm muito orgulho de serem agricultoras.

## Conclusões

A possibilidade de participação e de valorização das mulheres em outros espaços para além do lar favorece o reconhecimento do trabalho executado por elas pelos familiares, pela sociedade, e o auto reconhecimento delas como agricultoras de fato. A invisibilidade do papel das mulheres é uma barreira que vem sendo ultrapassada com a participação delas em grupos produtivos e associações, onde conseguem se destacar e enxergam os resultados dos seus trabalhos. Como pudemos identificar no decorrer desta pesquisa, as mulheres estão ocupando novos espaços e buscando a valorização do trabalho feminino.

Com isso, não se pretende associar necessariamente a OCS à conquista de uma possível autonomia por parte das mulheres. Há mulheres participantes de OCS que ainda se restringem ao papel de coadjuvantes em relação ao exercido ou atribuído aos homens. Há outras que vêm se firmando na liderança e nas formas de protagonismo detectadas na presente pesquisa.

Há uma estreita ligação entre as OCS's e a Agroecologia, sendo a primeira um dos importantes instrumentos para o desenvolvimento da segunda. Não se pode afirmar que a participação em uma OCS é necessariamente garantia de uma prática associada à Agroecologia. No entanto, na valorização dos quintais, nos saberes ancorados em conhecimentos tradicionais, as mulheres assentadas dão passos significativos na constituição de uma prática agroecológica.

## Referências

ALEIXO, Sany Spínola; FILIPAK, Alexandra; PAES, Ana Maria Baccharin Xisto. Ouso de mapas mentais como metodologia para o desenvolvimento da transição agroecológica e da autonomia econômica de mulheres rurais. In: **Agroecologia, Meio Ambiente e Sustentabilidade**. Ponta Grossa: Editora Atena, 2019.

FERRANTE, V.L.S.B.; DUVAL, C.H., BERGAMASCO, S.M.P.P.; BOLFE, A.P. **Na trajetória dos assentamentos rurais: mulheres, organização e diversificação**. Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos Alternativa, Niterói, 2013.

PIMBERT, M. P. Mulheres e soberania alimentar. In: Mulheres construindo a Agroecologia. **Revista Agriculturas**, v. 6, n. 4, dez. 2009. p. 41-45. Disponível em: <[http://aspta.org.br/wp-content/uploads/2011/05/Agriculturas\\_v6n4.pdf](http://aspta.org.br/wp-content/uploads/2011/05/Agriculturas_v6n4.pdf)>. Acesso em: 14 jan. 2017.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.